



Dysphoria mundi: por uma nova ontologia política comum

Dysphoria mundi: towards a new common political ontology

Bryan Axt¹

PRECIADO, P. B. *Dysphoria mundi. El sonido del mundo derrumbándose*. 560 p.
Espanha: Editorial Anagrama, 2022.

* * *

Paul B. Preciado é filósofo, ativista, curador artístico, diretor cinematográfico e está atualmente associado ao *Centre Pompidou* (Paris). Em um mundo ainda pandêmico, entre as suas curadorias, publicações, a polêmica participação do *Gucci Fest* (2020) e a direção de *Orlando, My Political Biography* (fev. 2023), em outubro de 2022 Preciado publicou a sua mais recente obra, ainda sem tradução brasileira, intitulada *Dysphoria mundi. El sonido del mundo derrumbándose*.

Difícil de definir, *Dysphoria mundi* aborda uma grande multiplicidade temática e escapa da determinação de um gênero e/ou estilo de escrita. Deste

¹ É Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCPR e licenciado em Filosofia pela mesma instituição. Autor do artigo *Metamorfoses simbiopoiéticas em Paul B. Preciado: de sujeitos a simbiotes políticos* (Revista *Resistances. Journal of the Philosophy of History*, v. 4, n. 7, 2023). Organizou com Martin De Mauro Rucovsky as edições espanhola (Egales, 2021) e brasileira (Devires, 2022) do livro *Metafísicas sexuais. Canibalismo e devoração de Paul B. Preciado na América Latina*. Traduziu e publicou o artigo *Museu, lixo urbano e pornografia* (Periódicus, 2018), escrito por Paul B. Preciado. E-mail: bryan.axt@pucpr.edu.br.

modo, situa-se “entre a teoria e a prática, entre a filosofia e a literatura, entre a ciência e a poesia, entre a política e a arte” (Preciado, 2022, p. 30, tradução minha). Está organizado de modo a intercalar capítulos teóricos com orações fúnebres, relatos bio-bibliográficos, deslocamentos de narrativa e poemas. É possível identificar ao longo de suas páginas o uso de ironias e blasfêmias que, como bem explicou Donna Haraway², são utilizadas como uma estratégia retórica e método político para canibalizar as “narrativas de origem”, assim como decompor o que resta (em nós e no mundo) das noções como unidade, identidade, sujeito, teleologia, soberania, colonialismo, da subjugação, dominação e exploração. Entretanto, para Preciado (2022, pp. 486-489), não se trataria de blasfêmia, mas sim de “revolução”.

Antes de continuar, é necessário pontuar que, assim como suas obras anteriores, *Dysphoria mundi* foi escrito e publicado a partir das posições de destaque que Preciado consolidou ao longo das décadas. Estas posições, bem como a linha tênue entre suas teorias e práticas, demandam recepções críticas acerca de como operam em diferentes contextos situados, suas tensões sociopolíticas locais e em meio às diferentes frentes de resistência que já estão trabalhando pela “transformação planetária”. Vale pontuar também que nesta obra Preciado aborda as identificações minoritárias sociopolíticas, a racialidade, interseccionalidade e decolonialidade, com muito mais profundidade do que nos escritos anteriores.

No ano de 2020, durante o isolamento social, Preciado questionou “em que condições e de que maneira a vida valeria a pena ser vivida”³, mas também o que poderíamos “aprender com o vírus”⁴ e, me parece, *Dysphoria mundi* se trata de uma tentativa de sistematizar uma resposta à altura. Neste livro, a crise mundial causada pela pandemia de COVID-19 se converte em um giro

² Cf. o capítulo “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”, de Donna Haraway, que integra a coletânea *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*, organizada por H. B. de Hollanda (Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019), que reúne também escritos de Teresa de Lauretis, Judith Butler e Paul B. Preciado, dentre outros.

³ Cf. *The losers conspiracy*, crônica de 26 de mar. de 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3UW1wM>>.

⁴ Cf. *Aprendendo com o vírus*, crônica de 28 de mar. de 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3LdyNYs>>.

onto-epístemo-político dos movimentos emancipatórios contra o *antigo regime*, evidenciando a urgência de uma coalizão entre todas as formas de vida, não apenas pela sobrevivência, mas pelo bem-viver, para a reabilitação do mundo, de si e dxs outrxs.

O primeiro capítulo do livro se chama *Dysphoria mon amour* (pp. 13-34) e, curiosamente, é possível o relacionar com o último anexo de *Manifesto contrassexual*, que se intitula *Prótese, mon amour*⁵. Neste pequeno anexo, Preciado abordou o Capital enquanto “o maior dos sistemas prostéticos”, afirmou que a prótese é um “trânsito” e ainda criticou a “metafísica da falta” utilizada por aparatos médico-legais, teológicos, psicanalíticos e psiquiátricos para determinar uma suposta não-conformidade às identificações de sexo-gênero e percepções do “eu”. Seja intencional ou não, *Dysphoria, mon amour* parece abrir o livro como uma espécie de continuidade do *Manifesto*, mas com um novo chamamento, que desta vez convoca à proteção e integração somatoconsciencial de todas as formas de vida em uma nova ontologia política comum.

À luz de Eduardo Viveiros de Castro, este chamamento é celebrado por Preciado em uma ritualística xamânica, sublinhando um dos primeiros passos desta revolução na compreensão e experienciação da vida, seja de modo singular ou plural: o “*parar do mundo*”, que pode levar à compreensão da “finitude dx sujeitx petrosexorracial”; ao ressituar coletivo na “cadeia trófica energético-vital”; e à transformação da “função desejanter” (Preciado, 2022, pp. 510-520). Uma metamorfose que já estaria ocorrendo.

Os capítulos seguintes – *Hipótesis revolución* (pp. 35-63), *Heroína electrónica* (pp. 65-76) e *Notre Dame de las Ruinas* (pp. 77-85) – são como preliminares que preparam xs leitorxs para a maior seção do livro, em que Preciado apresenta xs principais pensadorxs com quem dialoga⁶, pontua as principais

⁵ Cf. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*, de Paul B. Preciado (São Paulo: n-1 editora, 2014).

⁶ A saber: William Burroughs, Pier Paolo Pasolini, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Gloria Anzaldúa, Audre Lorde, Frantz Fanon, Carla Lonzi, Monique Wittig, Aimé Césaire, Édouard

dicotomias que estão em jogo, assim retomando a estrutura conceitual da farmacopornografia, das micropolíticas de resistência, das multidões, dos mecanismos de assujeitamento, da servidão maquínica e das micromutações dessujeitantes.

No quinto capítulo, o mais extenso do livro, também intitulado *Dysphoria mundi* (pp. 87-504), Preciado se inspira na leitura de Derrida sobre a frase intraduzível dita por Hamlet, de William Shakespeare: “*time is out of joint*”. Como uma ferramenta de transição, cartográfica, inexprimível e capaz de causar deslocamentos subversivos, Preciado dela se utiliza para organizar o capítulo em torno das transformações não do passado, tampouco do futuro, mas do presente, considerando ainda seus impactos ontológicos, epistemológicos, políticos e sociais. *Everything is out of joint!* Alguns dos temas abordados ao longo do capítulo são: o tempo, o mundo (também o mundo analógico) e a história; a tradução e quem está narrando; a vida, a animalidade, a reprodução, o nascimento, os mais velhos, a morte e o luto; a natureza, a ecologia, o organismo, a pandemia, o COVID-19, a inoculação, a respiração e a imunidade; a violência, a dor e o lucro; a verdade, ficção e a pós-verdade; os códigos, Deus, a moda, xs sujeitxs da modernidade, a biopolítica, a comunidade, a diferença sexual, o sexo, a identidade, o corpo, a diversidade funcional e/ou neurológica e os sentidos; a sociedade, a democracia, cidadania, liberdade, as fronteiras e a vigilância; a cidade, o lar, os veículos, o chão e o trabalho.

Neste cenário, Preciado amplia a sua caixa de ferramentas lexical, introduzindo conceitos dentre os quais se destacam:

i) *Dysphoria mundi*: conceito a partir do qual realiza uma genealogia do termo “disforia”, seus usos médico-legais-psiquiátricos e de toda a carga

Glissant, Jacques Derrida, Mark Fisher, David Graeber, Angela Davis, Judith Butler, Achille Mbembe, Donna Haraway, Giorgio Agamben, Antonio Negri, Bruno Latour, Andreas Malm, Roberto Esposito, Saidiya Hartman, Anna Tsing, Silvia Federici, María Galindo, Franco Bifo Berardi, Virginie Despentes, Annie Sprinkle e Beth Stephens, Vinciane Despret, Jack Halberstam, Yuk Hui, Nick Land, C. Riley Snorton, Suely Rolnik, Eduardo Viveiros de Castro, dentre outrxs.

patologizante, com o intuito de propor a sua subversão, a *dysphoria mundi*, isto é, a brecha ontológica, epistemológica e política de transição entre-matrizes, bem como a condição somatopolítica comum dos corpos e consciências na contemporaneidade.

ii) *Regime petrosexorracial*: conceito que faz referência ao petróleo e seus derivados [*petro-*], reunindo diferentes aspectos, tais como a economia, estética e as principais categorias de exploração do capitalismo contemporâneo, com toda a sua saturação, toxicidade e destruição.

iii) *Simbiontes políticos*: conceito inspirado em textos de Donna Haraway e Anna Tsing, que emerge do interstício entre a Biologia e a Filosofia, tal como o *rizoma* e o *quiasma*, e que busca dar conta de uma lacuna linguística-conceitual: há sujeitx da revolução? Com isso, se propõe um deslocamento da noção de sujeitx político, desenvolvendo reflexões anteriores acerca da Multidão e das micropolíticas dessujeitantes, mas agora a partir da relacionalidade simbiônica entre singularidades contrafarmacopornográficas.

Nos dois últimos capítulos – *Mutación intencional y rebelión somatopolítica* (pp. 505-530) e o posfácio *Carta a les nueve activistes* (pp. 531-547) –, Preciado enfatiza que a revolução sempre é um processo e a urgência de criar práticas concretas de transformação de si, dxs outrxs e do mundo. Algumas destas práticas destacadas por Preciado (2022, pp. 527-530) são novas em seus escritos, mas outras podemos reconhecer, como as de desidentificação, desnormalização, a coletivização da somateca, hibridação, autobiohack e a resistência ao consumo politoxicomaniaco. Para Preciado estas são práticas e estratégias necessárias para liberação de todo o “potencial metamórfico e revolucionário”, que levará à emancipação das multidões através da ressensibilização e ressignificação dos corpos, das consciências, da percepção e dos sentidos. Estas são práticas de experimentação, reparação e cuidado. E, somadas ao redor do mundo, já constituem as insurreições que causaram profundas rachaduras aos fundamentos do *antigo regime*.

Antes de acabar, no posfácio, Preciado (2022, p. 535, tradução minha) declara que “uma revolução começa assim, com um sacudimento do tempo que faz parar a repetição obstinada da opressão para que possa começar um novo agora”, pois, “tudo tem que mudar” e, ao fim, Preciado registra uma mensagem de “legado multitudinário”, reconhecimento e solidariedade para todxs xs novxs ativistas deste mundo-em-transformação.

Recebido em abril de 2023.
Aprovado em abril de 2023.